



Matrizes

ISSN: 1982-2073

ISSN: 1982-8160

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Goulart Ribeiro, Ana Paula; Maduell Vieira, Itala
O *JB* é que era jornal de verdade: jornalismo, memórias e nostalgia 1
Matrizes, vol. 12, núm. 3, 2018, pp. 257-276
Universidade de São Paulo
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143065736013>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

LUZEM
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

O *JB* é que era jornal de verdade: jornalismo, memórias e nostalgia¹

Jornal do Brasil *was the best: journalism, memories and nostalgia*

ANA PAULA GOULART RIBEIRO^a

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

ITALA MADUELL VIEIRA^b

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

RESUMO

O artigo analisa depoimentos sobre o *Jornal do Brasil* e seu suplemento cultural, o “Caderno B”, produzidos e reproduzidos em diferentes circunstâncias ao longo de décadas. Para isso, mobilizamos o conceito de nostalgia. Trata-se de um tipo específico de memória, caracterizado por certa maneira de apropriação do passado. Esta memória nostálgica dos profissionais de imprensa que lembram nos diz do presente, do contexto atual da lembrança, do momento que vive o jornalismo brasileiro. E nos diz também do lugar ocupado pelo *JB* como instituição na história da imprensa, como movimento de valorização e idealização do passado, que sustenta a áurea mítica e a importância do diário para muitos profissionais que nele trabalharam. A análise aponta que o que se valoriza no passado é um modo de fazer jornalismo, ancorado numa série de preceitos e valores hoje postos em xeque.

Palavras-chave: Jornalismo, memória, nostalgia, identidade profissional, *Jornal do Brasil*

ABSTRACT

This article analyzes testimonies about *Jornal do Brasil* and its cultural supplement, “Caderno B”, produced and reproduced in different circumstances, over the last decades. For this, we mobilize the concept of nostalgia, which is a specific type of memory, characterized by a certain manner of appropriating the past. This nostalgic memory of media professionals who remember tell us of the present, of the current context of remembrance, and of the current moment in Brazilian journalism. It also tells us about the place that *JB* occupied as an institution in press history, as a movement of appreciation and idealization of the past - which sustains a mythical aurea as well as the importance of the newspaper for the many professionals who worked for it. The analysis points out that what is valued from the past is a specific way of doing journalism, anchored in a series of precepts and values that are currently under scrutiny.

Keywords: Journalism, memory, nostalgia, professional identity, *Jornal do Brasil* newspaper

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p257-276>

V.12 - Nº 3 set./dez. 2018 São Paulo - Brasil ANA RIBEIRO | ITALA VIEIRA p. 257-276

¹ Este trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (Capes), Código de Financiamento 001, é desdobramento de pesquisa de Itala Maduell Vieira sobre jornalismo cultural, desenvolvida sob orientação de Ana Paula Goulart Ribeiro no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, com bolsa CNPq. Uma versão deste artigo foi apresentada no XXVI Encontro Nacional Compós, no GT Memória nas Mídias, em 2017.

^a Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9341-4629>. E-mail: goulartap@gmail.com

^b Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ e mestra em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ. Professora do Departamento de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8865-847X>. E-mail: italamad@gmail.com

APRESENTAÇÃO

ESTE ARTIGO TEM o objetivo de refletir sobre o papel da memória na construção da identidade profissional dos jornalistas. Para isso, analisamos depoimentos produzidos em diferentes circunstâncias, ao longo das últimas décadas, sobre o *Jornal do Brasil (JB)* e, em especial, sobre o “Caderno B”. Presentes em efemérides do veículo e em boa parte da produção historiográfica institucional, acadêmica e profissional sobre ele, esses depoimentos apresentam grande diversidade. Os discursos memorialísticos aqui analisados, no entanto, têm em comum o caráter nostálgico e o fato de serem autorreferenciais, ou seja, seus autores se apropriam de fatos e aspectos do passado para atribuir sentidos a sua profissão, o jornalismo, e a si mesmos como atores sociais da própria história da área.

A escolha do *JB* e do “Caderno B” não foi aleatória. O diário, fundado em 1891, e seu suplemento, criado em 1960, revestem-se de uma mística que marca não só a história do jornalismo brasileiro, como também a memória dos profissionais de imprensa do país. Após a reforma editorial e gráfica empreendida pelo *JB* nos anos 1950 e 1960, o jornal se tornou o periódico de referência da intelectualidade e da Zona Sul do Rio de Janeiro. Nesse contexto, estabeleceram padrões relacionados à prática profissional do jornalismo (Ribeiro, 2007), assim como reforçaram modos específicos de relação com a cidade, o “ser carioca” (Vieira, 2016).

Os discursos dos jornalistas aqui observados contam a história do *JB* e do “Caderno B” ancorados numa memória fortemente marcada pela nostalgia, sobretudo em relação ao modelo de jornalismo que o periódico ajudou a consolidar a partir da reforma citada. A seleção das memórias para este artigo levou em conta a circularidade deste discurso nostálgico, identificado em reportagens do próprio veículo em edições comemorativas, em depoimentos para projetos de memória do jornalismo, pesquisas acadêmicas, livros de jornalistas. Vale frisar que essa característica não se restringe às memórias do grupo que participou ou testemunhou a chamada época áurea do *JB* – também é presente nos relatos de jornalistas que atuaram no jornal até fins dos anos 1990.

MEMÓRIA E IDENTIDADE JORNALÍSTICA

Na articulação de memórias produzidas e transmitidas por sucessivas gerações de profissionais de imprensa, vemos que o *JB* se constitui como um veículo balizador das práticas jornalísticas no país, sobretudo no Rio de Janeiro. Falar do *JB* significa, para muitos jornalistas, falar do diário que melhor definiu o bom exercício de sua profissão e também, portanto, das experiências que eles, como profissionais, mais se orgulham de ter participado.

Em centros urbanos desenvolvidos, nos quais o trabalho exerce centralidade na vida social, o cotidiano dos indivíduos e suas memórias estão, em geral, profundamente ligados à profissão que ocupam. A esfera do trabalho e da produção técnica é local de construção daquilo que Gerard Namer (1987) denomina *memória funcional*, sedimentada a partir de uma prática laboral. Observam-se aí, portanto, as organizações coletivas em torno das funções desempenhadas por grupos profissionais.

Pode-se dizer que os papéis assumidos pelos jornalistas por meio de suas atividades fornecem elementos essenciais para sua autodefinição. Identidades, porém, não são apenas papéis. A identidade do jornalista não pode ser vista estritamente como resultado de suas práticas e rotinas profissionais. Sendo construção de sentido, identidade considera os fazeres, mas também engloba valores, crenças, mitos, saberes, representações sociais, história, memória, relações de poder, além de outros elementos de ligação para os indivíduos que compõem um grupo (Lopes, 2013: 29-30). É importante considerar também o lugar que o grupo ocupa em relação a outros grupos e à sociedade como um todo.

Nesse sentido, vale perguntar: sobre que jornalismo falam os jornalistas ao se recordarem de suas experiências no *JB* e no “Caderno B”? De qual maneira falam de si mesmos, como profissionais, ao falarem do jornal? A memória recolhe fragmentos do passado e conserva informações que passam por um processo de organização e reconstituição, afirma Le Goff (1990). A autonarrativa de um grupo e, por consequência, sua identidade, são apoiadas por estas informações e pelo uso que o grupo ou os indivíduos fazem delas. Ao construírem seus discursos e partilhá-los no espaço social, os jornalistas constroem sua memória, assumem um lugar de fala e mobilizam uma série de representações. Com isso, negociam poder e autoridade, silenciando algumas vozes, ampliando outras, promovendo esquecimentos, ressaltando lembranças, enfim, produzindo identificações tanto para si como para quem os cerca e lê.

Vale lembrar que os conceitos de memória e identidade não remetem a noções como a de homogeneidade ou perenidade. A memória é sempre instável e está em permanente construção. É constituída por lembranças e esquecimentos, motivada por interesses sempre ancorados no presente. Isso faz que grupos sociais e profissionais – como os jornalistas – estejam constantemente reconfigurando aquilo que acham importante sustentar como lembranças comuns e como elementos de construção de suas autoimagens.

Na crônica que marcou sua volta ao *JB* como colunista, em 2005 (uma das ocasiões de autocelebração do “Caderno B”, então chegando aos 45 anos), a jornalista e escritora Marina Colasanti buscou estabelecer paralelos entre a primeira vez que esteve na redação do *JB*, no início dos anos 1960, e aquela

de seu retorno. Redação, jornalista e tempo haviam mudado, mas ela sustentou que o encantamento e orgulho de fazer parte daquela experiência seriam os mesmos:

Como quem volta à casa antiga, chego e me instalo. Mas não é uma casa antiga. É uma antiga casa nova, pois é para fazer o novo que fomos convocados. Existe o novo?, me pergunto. Um novo desvinculado de tudo o que o antecedeu, um novo primeiro, inaugural, que nasce consigo? Quando entrei no *Caderno B* a primeira vez, havia palmeirinhas no patamar da escada, vidros jateados com arabescos separando as salas e linóleo verde no tampo das mesas, debaixo das máquinas de escrever. Eu também tinha um estremecimento de palmeiras na alma, farfalhar de medo e insegurança. Tudo era novo para mim. [...] *A velha nova casa guarda ainda as pegadas dos antigos habitantes*. O nosso desafio agora é fazer um caderno tão novo quanto aquele que fizemos juntos. (Colasanti, 2005, grifos nossos)

A referência ao jornal como casa e aos jornalistas como habitantes, tão recorrente nos discursos produzidos por jornalistas a respeito do *JB*, remete à própria origem da ideia de nostalgia.

O QUE ENTENDEMOS POR NOSTALGIA?

Quando foi usado pela primeira vez, no século XVII, o termo *nostalgia* significava literalmente *desejo de voltar para casa*. Até aquele momento, a mobilidade espacial era rara e o ritmo cadenciado do tempo era rompido apenas por eventos extraordinários, como guerras ou catástrofes naturais. O afastamento da terra natal era uma anomalia e provocava em muitos um estado disruptivo, considerado patológico.

Durante o século XVIII, o termo – criado em 1688 pelo médico Johannes Hofer – foi usado para diagnosticar soldados e marinheiros afastados de suas terras natais durante várias guerras. Os sintomas eram febre, insônia, taquicardia, falta de apetite e declínio das forças. No início do XIX, a nostalgia já tinha se generalizado como um mal que poderia acometer indivíduos de qualquer profissão, grupo étnico ou nacionalidade. Quando o tempo começou a acelerar para muitos, criando profundas descontinuidades na vida, a nostalgia deixou de ser um problema de algumas poucas pessoas deslocadas (Davis, 1979; Natali, 2006; Cross, 2015).

A consciência da mudança inexorável – da transitoriedade da existência, como diria Freud (1916) – levou muitos a desejarem lugares e tempos perdidos. A modernidade, ainda que tenha significado a exaltação do novo e o desdém pela tradição, também produziu – como um de seus efeitos aparentemente

contraditórios – o desejo de conter a história e a recusa à irreversibilidade do tempo, a vontade de memória.

A nostalgia pode ser entendida, assim, como uma relação problemática que indivíduos, grupos e sociedades estabelecem com o tempo linear, direcionado ao progresso, tal como configurado pela filosofia iluminista. Nesses termos, a nostalgia seria um tipo particular de prática mnemônica, na qual os vínculos entre passado, presente e futuro se tensionam num movimento que supervaloriza o *campo de experiência* em detrimento do *horizonte de expectativa*, nos termos de Koselleck (2006).

A nostalgia, nesse sentido, esteve no cerne do movimento romântico e caracterizou diversas críticas aos processos da modernização capitalista ao longo do século XX. Nas últimas décadas, entretanto, os usos e os sentidos de nostalgia vêm mudando significativamente, apontando para novas problemáticas em relação à temporalidade (Niemeyer, 2014; Beail; Goren, 2015). Nesse contexto, a nostalgia passa a ser entendida como um fenômeno complexo, que algumas vezes aciona sentidos idealizados e conservadores em relação ao passado, mas que também pode fundamentar utopias e projeções em relação ao futuro.

JORNAL DO BRASIL, UMA MEMÓRIA NOSTÁLGICA?

Será que podemos considerar os discursos voltados para o passado do *JB* e do “Caderno B” de forma idealizada como construtores de uma memória nostálgica? Se sim, que tipos de nostalgia são acionadas? O que essas nostalgias nos dizem sobre o jornalismo como prática social e sobre os contextos específicos de construção das lembranças? E mais ainda, como nos ajudam a entender a identidade do profissional de imprensa?

Nesse contexto, *inovação, pioneirismo, criatividade, vanguarda, originalidade, sagacidade, liberdade, relevância e prestígio* são mais que palavras. São idealizações acionadas pelas memórias de incontáveis jornalistas na representação do *JB* e do “Caderno B” ao longo de décadas, registradas pelo próprio periódico, assim como por outros veículos de comunicação e por pesquisadores, muitas vezes apoiados em dados factuais, aparentemente tangíveis e inquestionáveis.

Ter feito parte, em algum momento, do expediente do *JB* é, para muitos jornalistas, motivo de um orgulho muitas vezes inconfesso, que precisa ser externado e publicado, como comprovam tantas iniciativas em torno da história e da memória do *JB*, entre as quais estão os livros de Alfredo Herkenhoff (2010) e Belisa Ribeiro (2015). As publicações reúnem as memórias não só de seus autores, mas também de dezenas de colegas de profissão, convocados a dar seus depoimentos. Destacamos duas falas que nos parecem significativas.

P

O *JB* é que era jornal de verdade

Jöelle Rouchou entrou na equipe do caderno em 1978, realizando o sonho de ser repórter no *mítico e venerado* “Caderno B”, visitando casas de socialites atrás de novidades da moda e dos bons costumes, descobrindo um *adorável e duro mundo novo*. Ela narra seu deslumbramento:

Para uma menina criada numa redoma de vidro, que estudou em escola francesa, *era o máximo* descer na oficina para escrever uma matéria de última hora sobre o show de Sinatra no Maracanã². [...] Pude entrevistar Bispo do Rosário, conversar com Edgar Morin, correr atrás do James Bond Roger Moore. *Melhor do que drops misto da Dulcora. Era um frisson repartido por toda a redação*. Muitas festas, muita alegria e tristezas também, como perdas dos amigos, demissões, injustiças. Era muito assunto. *Matéria de sonhos* para a volta para casa, para conversar com amigos. Entrei adolescente. Saí mulher. (Rouchou apud Herkenhoff, 2010: 169, grifos nossos)

² Frank Sinatra esteve no Rio de Janeiro pela primeira vez em janeiro de 1980.

O depoimento de Silvio Essinger – formado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), assim como Jöelle, mas vindo de outro lado da cidade e distante dela quase vinte anos no tempo – forma impressionante dueto com o anterior. Silvio chegou ao *JB* em 1995 e ao “B” em 1997. Ele usa a terceira pessoa:

Nada na universidade *o deixou tão eletrizado* quanto o dia em que adentrou, de mansinho, aquele salão no 6º andar do prédio da Avenida Brasil 500; *ali estavam as cabeças, as assinaturas, a sua turma. No dia em que, enfim, teve seu nome sem graça aceito naquelas páginas, foi como na primeira vez em que viu cair a última peça de lingerie – uau!* Em quatro anos de *JB*, viveu paixões, descobertas, frissons, impaciências, broncas, decepções, ressacas... e fez-se homem. Hoje, sente muita falta daquele carpete da redação, em cima do qual chegou algumas vezes a dormir, em sua *convivência quase conjugal com o jornal*. Por baixo das manadas de ácaros, estava entranhado *um cheiro de liberdade e aventura que nunca mais voltou a sentir*. (Essinger apud Herkenhoff, 2010: 134, grifos nossos)

Nestes dois depoimentos, estão presentes o tempo e o espaço de um despertar para a vida adulta e a já mencionada supervalorização do campo de experiência em relação ao horizonte de expectativa. As falas entusiasmadas de ambos os jornalistas exemplificam bem a também já mencionada relação entre memória e identidade profissional.

Outro relato interessante é o de Ferreira Gullar. Sua identidade é de poeta, por isso, ele afirma com veemência que não era jornalista, embora tivesse

colaborado com jornais desde garoto em São Luís, no Maranhão. O jornal era um ganha-pão, atividade que sustentava sua poesia. Trabalhou efetivamente como jornalista na revista *Manchete*, no Rio de Janeiro, a partir de 1955. E, se em seus depoimentos, ele renega essa identidade profissional, ao mesmo tempo guarda profundo orgulho da reforma de que tomou parte no *JB* e que aponta como absolutamente importante: “O jornal, um pouco depois de reformado, ganhou um peso muito importante e influenciou a imprensa brasileira inteira” (Gullar, 2007).

Em sua versão dos fatos, Gullar vangloria-se por ter sido aquele que indicou a equipe da reforma – Janio de Freitas, Amílcar de Castro, José Ramos Tinhorão e outros colegas da *Manchete* – e do seu protagonismo no processo de renovação do jornal. E, ao se contrapor a Odylo Costa Filho, desdenha: “Odylo não entendia do assunto. Não era que ele não quisesse; aquilo não era do conhecimento dele. Ele era um jornalista com uma formação anterior, do velho jornal que se fazia no Brasil” (Gullar, 2007). Expõe com clareza a cisão que havia entre o grupo de vanguarda (os jovens reformulares) e os velhos jornalistas (representantes do modelo a se superar).

Sobre a reforma do *JB*, Gullar afirma, em depoimento ao Centro de Cultura e Memória do Jornalismo: “Antes o *Jornal do Brasil* não tinha redação, nem reportagem, só anúncios e classificados. Meia dúzia de velhos jornalistas, amigos dela (da condessa Pereira Carneiro), recortava o noticiário da Agência Nacional, colava e o jornal saía” (Gullar, 2009). Aqui, mais uma vez, o depoente destaca a ação de ruptura que a reforma teria produzido nas práticas jornalísticas e um não declarado orgulho de ter feito parte da experiência.

Alberto Dines, editor-chefe do *JB* de 1962 a 1973, afirma que a nova geração de jornalistas, à qual ele pertencia, “era muito respeitada” por todos e que não houve reações contra a reforma por parte dos mais velhos. Ele minimiza os conflitos de uma forma bastante eloquente: “Eles não eram jornalistas; chegavam lá, escreviam uma coisinha. Não eram jornalistas profissionais” (Dines apud Ribeiro, 2002: 5).

O trecho citado é bastante eloquente em relação, mais uma vez, à questão do orgulho do passado, no qual o narrador atuou como protagonista, como agente transformador. A questão profissional ganha relevo aqui. Dines se afirma como jornalista *profissional*. E é isso que ele destaca como elemento singular de sua geração, como o que a diferenciava da anterior e que legitimava sua ação sobre o campo jornalístico.

São muitos os que citam Dines como grande referência na história do *JB*. “O *JB* realmente marcante na minha geração é o *JB* do Dines. A reforma começou antes, mas ele fez uma parte grande dela e o consolidou como um jornal à frente

do seu tempo, que os outros copiavam”, disse Miriam Leitão (apud Salles, 2010). Carlos Lemos concorda, e se inclui entre os vanguardistas:

O período áureo foi comandado pelo Dines, que era editor-chefe, seguido por mim e mais três abaixo, Luiz Orlando Carneiro – que era o homem do futuro –, Sérgio Noronha, chefe do copidesque, e José Silveira, editor e diagramador. Esse quinteto foi uma das coisas mais sensacionais que se conseguiu juntar na imprensa brasileira. (Lemos apud Salles, 2010)

A autoria da reforma no *JB* é uma questão bastante controversa. É um campo de grandes disputas, que mobilizam até hoje a memória e as vaidades de muitos jornalistas. Há muitos relatos contraditórios. Alguns apontam Odylo Costa Filho (editor-chefe de 1956 a 1958) como o principal autor da reforma. Outros destacam o período em que Janio de Freitas esteve à frente da redação (de 1958 a 1962). Há ainda aqueles para quem nem Odylo nem Janio deram as maiores contribuições para as mudanças no jornal. Segundo esses, a reforma só teria ganhado forma sob a direção de Alberto Dines. Seja como for, o período das reformas é constantemente acionado nas memórias – tanto individuais quanto institucionais – como período áureo da história do *JB* e origem mítica do chamado moderno jornalismo brasileiro.

O MITO DENTRO DO MITO: O “CADERNO B” DO JORNAL DO BRASIL

Ter trabalhado no *JB* é, em geral, motivo de orgulho para os jornalistas. Ter pertencido à equipe do “Caderno B” parece dar ainda mais prestígio ao profissional devido ao caráter ousado, irreverente e inovador atribuído ao suplemento. A análise documental de edições comemorativas do “Caderno B” oferece farto material autorreferente nesse sentido, que se transpõe tanto para a produção historiográfica como para outras, jornalístico-pedagógicas, como nos exemplos a seguir.

O jornalista Wilson Figueiredo, que atuou por 50 anos no *JB*, assistindo ao surgimento, desenvolvimento e fim do “Caderno B”, o define como “agradável e inovador”:

Era agradável pelo sentido informativo e cultural que o *Jornal do Brasil* adotou, *transformando tudo*. A entrevista não era formal, era uma entrevista importante que pegava o sujeito na hora certa, os repórteres *aguçavam* e tinham bem o sentido agudo do momento cultural... *O jornal fazia tudo de maneira criativa e na oportunidade ideal, na hora certa*. (Figueiredo apud Salles, 2010, grifos nossos)

Zuenir Ventura, por sua vez, disse:

O *B* sempre foi e é o espaço que faz a cabeça do Rio, e a prova de que é parte integrante da cultura brasileira é a sua reprodução em inúmeros filhotes. Em cada lugar a que você vá no Brasil tem um segundo caderno tentando ser e fazer o que o *B* faz no Rio. (Ventura apud Rito, 1990: 1)

Em 2005, Ziraldo Alves Pinto, então editor do caderno, exacerbava a fala em edição comemorativa:

O *Caderno B* do *Jornal do Brasil* é a parte mais emblemática deste jornal, que é uma entidade carioca, algo a que as pessoas se referem como se fosse *um ser vivo*. Reflete *um modo próprio de ver a vida, uma atitude especial diante dos fatos, a percepção de um mundo novo* que surgia quando o caderno foi criado há exatos 45 anos. Letras são sinais, signos, símbolos, e, no nosso caso, *um marco na história de nossa imprensa*, uma invenção que a alterou formal e conteudisticamente. Hoje, todos os segundos cadernos de *todos os jornais do Brasil* são herdeiros de suas propostas. (Pinto, 2005: 1, grifos nossos)

As falas citadas destacam a singularidade do “B”, seu caráter inovador, sua posição de vanguarda, seu papel na construção de um modelo ideal de suplemento cultural, como referência e representação de um certo estilo de vida. Subentendido está o orgulho de ter feito parte da equipe de profissionais que ajudou a dar vida a essa *entidade*, esse *ser vivo*. Sentidos semelhantes estão presentes nas lembranças de Arthur Dapieve. Ora como jornalista, ora como pesquisador, ele afirma que, graças ao “Caderno B”, os chamados segundos cadernos eram, na imprensa brasileira, “o habitat por excelência da experimentação e da renovação, tanto no texto como na apresentação gráfica. De tal forma que recursos inventados nas editorias de cultura são tomados emprestados pelas outras editorias, arejando jornais ou revistas” (Dapieve, 2002: 94).

Dapieve foi repórter, redator e subeditor do “Caderno Ideias” e do “Caderno B” de 1986 a 1991. Depois, assumiu o cargo de editor do “Segundo Caderno” de *O Globo* e começou a trabalhar como professor de jornalismo cultural na PUC-Rio. A relação entre sua experiência no *JB* e sua identidade profissional é muito clara em seu depoimento. Para ele, o Brasil é um país onde a cultura é fator mais que importante de identidade e orgulho nacional – e isso ajuda a explicar o fascínio e o prestígio que, segundo ele, desfrutaram os cadernos culturais perante não só os profissionais, como os leitores brasileiros.

Em uma mesa sobre jornalismo cultural na Jornada Literária de Passo Fundo, Artur Xexéo, editor do “Caderno B” de 1988 a 1992, comentou sobre a experimentação visual e os textos consagrados do suplemento. E não poupou adjetivos:

Nessa época era um pouco de tudo: cinema, moldes do Gil Brandão, receitas, coluna social etc. Tinha um noticiário internacional *estarrecedor*. Digamos que chegasse uma foto qualquer da Romy Schneider pela radiofoto. O redator (*eles eram muito bons*) escrevia uma bobagem qualquer e a foto era publicada, enorme, com uma legenda qualquer tipo “Romy Schneider aparecendo por aí”. Claro que havia também a *ousadia* gráfica. Me lembro de uma página que ficou clássica, quando De Gaulle visitou o Brasil. A notícia era moldada na forma da torre Eiffel. O texto desenhava a torre. (Xexéo apud Medeiros, 2005, grifos nossos)

Não foi por acaso que Xexéo citou a atriz austríaca Romy Schneider, sensação do cinema da época: a foto dela ilustrou a capa do primeiro número do “B”. A página gráfica da Torre Eiffel, destacada pela sua ousadia, foi republicada no aniversário de 25 anos do suplemento, em 1985 (Santos, 1985: 4). É interessante observar que a lembrança de Xexéo não foi *espontânea*. O próprio jornalista afirma ter pesquisado no acervo do jornal para se preparar para o debate. Trata-se aqui, portanto, de um conhecimento sobre o passado que havia sido recentemente adquirido, por meio de arquivos. A memória, nesse caso, é uma mistura das lembranças das experiências vividas diretamente com as lembranças herdadas.

Ziraldo Alves Pinto, colaborador na fase inicial do “Caderno B” e editor em 2005, definiu o “B” como a “letra mágica do jornalismo cultural brasileiro”, reiterando a mítica do espírito carioca do suplemento e apelando à passional analogia com o futebol: “Aquele B maiúsculo é um ícone carioca, gravado na alma do Rio como a camisa vermelha e preta do Flamengo, a cruz de malta do Vasco, a cartola do Fluminense ou a estrela solitária do Botafogo” (Pinto, 2005: 1).

Se essa letra era capaz de tamanha mítica, ter o próprio nome associado a ela significava prestígio. Como disse a repórter Sandra Moreyra, escalada em julho de 1978 para cobrir o incêndio que destruiu quase todo o acervo do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro: “No dia seguinte, saí de casa para comprar o jornal e olhar aquela capa do *Caderno B* – ter o nome na capa do *Caderno B* era uma coisa do outro mundo” (Sandra Moreyra, 2014).

Em 1985, quando o “Caderno B” comemorava 25 anos, o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos escreveu um texto emblemático de uma página e meia sobre o suplemento. Foram colhidos os depoimentos de vários profissionais que nele trabalharam, como Ferreira Gullar (“o primeiro crítico de artes plásticas do caderno”), Marina Colasanti (“uma das primeiras repórteres contratadas

pelo ‘B’, em 1962”) e Claudio Mello e Souza (“pela qualidade dos textos, mais trabalhados e sofisticados”) (Santos, 1985: 4).

Nesses depoimentos fica claro o quanto o “B” contribuiu para a construção de mitos como o do *carioca*, com os quais se identificava e através dos quais reforçava sua própria mítica. A esse ser carioca são associados um conjunto de representações centradas em formas de comportamento e visões de mundo específicas, que serviam também para ancorar a própria identidade dos profissionais.

O jornalista situa o “Caderno B” na reforma iniciada em 1956, “que procurava refletir na imprensa a criatividade ao redor: Bossa Nova, concretismo, a industrialização, Brasília, JK” (Ibid.); e assinala que logo se destacou por “refletir certo jeito de viver carioca” (Ibid.). Isso se dava através de matérias que cultuavam o bom humor e a descontração da Zona Sul da cidade, antecipando o *Pasquim*, com reportagens e crônicas de Carlos Leonam, Yllen Kerr, Marina Colasanti e Léa Maria. O “B” também divulgava “comportamentos que fariam a cabeça da juventude da década, como a geração dourada do Castelinho, a esquerda festiva do Luna Bar” (Ibid.). Santos ainda destaca a “Página de Verão”, que trazia “o que se podia fazer *de melhor* para curtir a temporada em termos de consumo, passeios, comportamentos, ideias, gente” (Ibid., grifos nossos) e a página “Carioca quase sempre”, em que Carlos Leonam publicou um dicionário de novas gírias e o roteiro do chope (Ibid.).

Lembrando que “bom texto sempre foi um dos orgulhos do B”, Santos (Ibid.) cita também alguns cronistas consagrados que lá trabalharam, como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlinhos de Oliveira, Clarice Lispector, Carlos Eduardo Novaes, Flávio Rangel e Affonso Romano de Sant’Anna. Valoriza ainda a postura aguerrida assumida pelo “B” nos anos 1970, quando o suplemento teria partido “para uma linha de crítica e denúncia dos absurdos da censura, do abandono do patrimônio cultural e de entrevistas que fizeram uma ligação quente entre os artistas e a política” (Ibid.). O “B” foi “firmando o estilo, marca inconfundível que hoje se espalha por toda a imprensa brasileira e faz do segundo caderno algo *imprescindível ao leitor*”, diz Joaquim Ferreira dos Santos (Ibid.: 5, grifos nossos).

Zuenir Ventura (apud Rito, 1990: 1) recorda sua passagem pelo “B” (1985-89) “como uma das mais estimulantes de sua carreira”, onde “pôde dedicar-se exclusiva e amplamente à cultura”. Seu depoimento foi publicado em 1990, na edição comemorativa dos 30 anos do caderno. Naquele momento, suplemento estava sob a gestão de Xexéo, citado anteriormente. “Enfim, um caderno balzaquiano”, de Lucia Rito, reforça mais uma vez o mito do caderno indispensável, num discurso autorreferencial que incorpora falas até então enunciadas pelos outros – assim, impressões e memórias alheias passam definitivamente a ser fatos enunciados pelo jornal:

O saque de Reynaldo Jardim consolidou a grande reforma, abrindo para o *Caderno B* a possibilidade de pinçar, registrar e *antecipar os movimentos culturais que floresciam*. Era a época da Bossa Nova, do Cinema Novo, do teatro político, do tropicalismo, dos movimentos das artes plásticas, do humor, da literatura, da descoberta da moda carioca, e até mesmo das turbulências políticas. *Tudo que aconteceu de importante no cenário cultural do país sempre encontrou um espaço generoso nas páginas do B*. (Ibid: 8, grifos nossos)

Nesta edição comemorativa, a repórter Lucia Rito – com a colaboração de Pedro Tinoco, José Rezende Jr. e Raimundo França – foi incumbida de ouvir os pioneiros Reynaldo Jardim, Janio de Freitas, Nonato Masson, Marina Colasanti, Ziraldo, Carlos Leonam, Zózimo Barrozo do Amaral, entre outros, e condensar três décadas de história em duas páginas, sob orgulhosas e desinibidas manchetes, intituladas “A mais completa tradução do Rio chega aos trinta anos. Ao comemorar seu aniversário, o *Caderno B* conta histórias que deram o que falar e que se confundem com a cultura e os usos e costumes do Rio de Janeiro” e “Foram três décadas antecipando e registrando os fatos e personagens que se destacaram, revolucionaram e deixaram suas marcas na cultura do país”.

E afirma que, nas décadas seguintes, o caderno “funcionou como antena da cultura e do comportamento especialmente do Rio de Janeiro, que deixara de ser capital federal, mas manteve o status de capital cultural” (Ibid.). A edição declarava ainda, com vaidade, que, “se não saiu no *Caderno B*, não aconteceu”. Rito atribui isso à própria turbulência dos anos 1960, também mitificada: “Tudo aconteceu naquela década na cultura e na vida política brasileira, e cabia ao *B* captar e antecipar o que realmente importava” (Ibid.).

Em sua coluna de retorno ao “*Caderno B*”, em 2005, Marina Colasanti reproduziu a mesma imagem de um passado idealizado:

[Era] como se o novo só se concretizasse depois de emitido pelo *Caderno B*. *Éramos todos repórteres investigativos do novo*, daquilo que, como ainda não se dizia mas existia igualzinho, acabava de pintar nas bocas. Ou melhor, que se preparava para pintar nas bocas e que só se pintaria, de fato, depois de sacramentado pelo *B*. Passar o fim de semana sem ter lido antes o *Caderno B* era um risco que os *descolados* não se permitiam. (Colasanti, 2005: 3, grifos nossos)

A ideia do carioca *descolado* está presente em muitos dos depoimentos que analisamos. Neles a nostalgia e a identidade profissional parecem se entrelaçar num movimento que simultaneamente mitifica o *JB* e legitima um dado modelo de jornalismo. Zózimo comenta que, das incontáveis tarefas que lhe foram

confiadas em 22 anos de *JB*, ter editado o “Caderno B” “foi a mais complexa, sobretudo pela riqueza da experiência representada pelo relacionamento com o que pode perfeitamente ser chamado de um dos *corpos de elite* do jornal” (Ibid: 10, grifos nossos):

É extremamente gratificante e estimulante, ao lado dos parceiros que tenho, assinar a coluna *Zózimo*. Da mesma forma como, *em termos biográficos – pela importância do Caderno B na história do jornalismo brasileiro –, será sempre igualmente importante e desvanecedor ter o nome incluído na galeria de mestres do ofício de jornalista que passaram pela sua direção.* (Ibid, grifos nossos)

A repórter destacou ainda que “o texto ágil, leve subverteu a linguagem circunspecta, as descrições longas características da imprensa da época, imprimindo leveza às páginas do jornal” (Ibid: 8). Carlos Leonam, que assinou as colunas “De homem para homem”, entre 1963 e 1964, e “Carioca quase sempre” (com Ylen Kerr), de 1967 a 1968, afirma que o “B” “*inventou* a cobertura de usos e costumes na imprensa” (Ibid: 10, grifos nossos) e que o espírito carioca estava presente desde o início do caderno: “O *B* sempre teve um espírito carioca – logo no início tinha uma seção que chamava *Onde o Rio é mais carioca* – e o que eu fiz foi incorporar este espírito às minhas colunas” (Ibid.).

Artur Xexéo fala sobre os vários “Cadernos B”: o dos moldes assinados pelo estilista Gil Brandão; o das crônicas de Drummond; o da coluna “Registro Social”; e o da coluna de Zózimo Barrozo do Amaral... O “B” que levou para a primeira página do jornal a interpretação de Fernanda Montenegro em *As amargas lágrimas de Petra Von Kant* (1972); o “B” das musas de cada verão; o da coluna “Carioca quase sempre”; o do Jeremias, o Bom; e o da Supermãe de Ziraldo... O “B” que elogiava o Cinema Novo; o que consagrou Gerald Thomas; o que Gerald Thomas acusou de tirar uma peça sua de cartaz... O “B” das grandes reportagens sobre nazistas em Itatiaia e o movimento *black* nos subúrbios; o das estrelinhas para teatro, cinema e discos; o “B” das resenhas rápidas; o dos roqueiros; da ópera do Municipal; o do “Perfil do consumidor”... Enfim, todos os “Bs”.

Já Ziraldo destaca o papel do “Caderno B” na consolidação da crônica moderna, destacando nomes como o de Carlinhos de Oliveira, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Clarice Lispector e Marina Colasanti. Para ele, o suplemento foi vanguardista até na questão de gênero. Fala das *meninas do B*, time que afirma ter contribuído para a inovação do caderno:

Acredito que foi no *Caderno B*, historicamente que a mulher se consolidou como categoria profissional na imprensa brasileira. Uma participação que é hoje, possivelmente, de

P

O *JB* é que era jornal de verdade

metade dos profissionais em toda a imprensa (com uma enorme presença em cargos de comando), mas na época não chegava a cinco por cento. Nos anos 70, o *JB virou o império das mulheres. O jornal das amazonas*. (Pinto apud Rito, 1990: 1, grifos nossos)

O passado mítico do “Caderno B” é construído a partir de marcos memoráveis. Mas também numa temporalidade que, ainda que nostálgica, também aponta para um futuro de possíveis realizações. A edição comemorativa dos 30 anos do suplemento foi exemplar nesse sentido. Teve o duplo propósito de enaltecer seu passado glorioso e anunciar suas mudanças e *renovações*:

O *B* chega agora aos seus 30 anos *aplaudindo a história e iniciando uma nova fase*. Ao incorporar, às sextas-feiras, assuntos que ele mesmo já mostrou serem relevantes, abrindo espaço novamente para a moda, o consumo, o comportamento, ampliando sua seção de comida dos sábados; e voltando a sair aos domingos (divulgando as novidades que antes eram exclusivas do caderno *Casa e Decoração*), o *B*, mesmo *balzaquiano, ainda aposta na renovação*. E quem ganha com isso é o leitor. (Rito, 1990: 1, grifos nossos)

Neste editorial, o jornal reconheceu estar reciclando antigas ideias, atribuindo valor a este recurso. Em dezembro de 1999, quando foi reformulado e passou a rodar na gráfica de *O Dia*, o *JB* estampou na página três a manchete “Tradição de pioneirismo: *JB* inaugura nas suas páginas impressão offset, fruto de parceria com *O Dia*, e reencontra sua origem inovadora”, com Fritz Utzeri assumindo a direção da redação, em lugar de Noenio Spinola, e Maurício Dias (ex-editor de “Informe *JB*” e “Cidade”) como editor-chefe. O foco, desta vez, foi a inovação gráfica, com destaque para as *diagramações arrojadas*. Ao lembrar a grande reforma, cita que “as mudanças implementadas por Amilcar de Castro, nos anos 1950, foram o pontapé inicial em uma série de inovações que fizeram do *JB* uma referência no design gráfico brasileiro” (Tradição..., 1999: 3).

O Brasil assistia a um renascimento cultural. A bossa nova ensaiava as primeiras batidas, o Cinema Novo lançava as suas bases em filmes como *Rio 40 graus* e a poesia concreta chacoalhava o marasmo literário do país. Poetas, ensaístas e intelectuais engajados eram figurinhas fáceis nas redações. Editado por Reynaldo Jardim, o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* é um espaço para experimentações e canal aberto para todas as manifestações de arte. Inclusive as gráficas. (Ibid.)

São apontados no editorial, ainda, como “marcos do ineditismo e experimentação do *JB*” a revista *Domingo*, criada em 1975, “primeira experiência de

revista encartada em jornal diário” que “traduz, por todos estes anos, a alma do carioca”; o caderno “Cidade”, “que entre 1986 e 1988 introduziu por aqui os subtítulos nas matérias”; a revista *Programa*, desde 1986 antecipando, na sexta-feira, “as boas do fim de semana” e os espetáculos recomendados; a revista *Zine*, voltada ao público jovem, publicada pela primeira vez em 1992; o caderno “Mulher”, de 1996; e a *SuperTV*, em 1997.

Em 2004, o *JB* publicou o especial “JB 113 anos” (2004: 12). Mais uma vez ganha destaque, na história do periódico, a mítica reforma dos anos 1950-60. Destaca-se que, no período do pós-guerra, “o jornal cresce como empresa e torna-se formador de opinião no país”. Reforça ainda que,

Em 15 de setembro de 1960, nasce o *Caderno B*, cuja concepção começou a ser desenvolvida no *Suplemento Dominical*. Foi o primeiro caderno dos jornais brasileiros a reunir apenas as notícias relativas a variedades e tornou-se uma referência da cultura, do comportamento e do estilo de vida do Rio de Janeiro. (Ibid., grifos nossos)

Em 2005, ao lançar reforma gráfica e editorial no “Caderno B”, Nelson Tanure – proprietário do jornal – fez novo rearranjo das míticas em torno do caderno em editorial que exultava “o contexto da revitalização do Rio de Janeiro, da vocação deste centro urbano como ponta-de-lança da formação de opinião, na política e na economia, na metrópole e na cultura” (Tanure, 2005: 3).

Interessante observar que o discurso memorialístico e autorreferente do “Caderno B”, assim como o do próprio *JB*, estabelece uma relação ambígua e contraditória com a temporalidade. No momento das reformas dos anos 1950, reforçou as rupturas advindas em relação ao passado e silenciou muitas continuidades possíveis. Em 2005, num trabalho de reenquadramento da memória, houve um esforço discursivo para valorizar as continuidades e silenciar as muitas rupturas pelas quais o jornal e seu suplemento cultural passavam.

A NOSTALGIA DO FIM

Desde que o *JB*, em meados de 2010, anunciou que deixaria de circular em papel, muitos foram os movimentos de produção e circulação de memórias em seu entorno em produções jornalísticas, projetos universitários, blogs, livros, comunidades em redes sociais. O “Caderno B”, que influenciou diferentes gerações de leitores e jornalistas, como já demonstrado, foi bastante tematizado.

Natural de Caratinga, no interior de Minas Gerais, a jornalista Miriam Leitão lembra que antes mesmo dos 18 anos, na virada da década de 1960 para a de 1970, pedia a quem fosse ao Rio de Janeiro que voltasse com o *JB* de todos os dias, velho

mesmo. “Eu lia com grande prazer, porque a matéria era muito mais completa, o *Caderno B* era inigualável e as matérias de comportamento eram modernas, atrevidas” (Leitão apud Salles, 2010). Na década de 1980, ela chegou ao *JB* para cobrir as férias de Zózimo. Ficou responsável pelo espaço durante seis meses, e passou a repórter de economia, colunista e editora, em 1986 (Miriam..., 2013).

Silvio Essinger lembra que, “quando garoto de subúrbio, ávido mais do que tudo por fazer parte da vida cultural da cidade, o *JB* era o farol, a bíblia, o passaporte”. E se inclui no rol estereotipado do jornalista ruim em matemática, disciplina que “pegou à unha com vistas ao vestibular apenas por uma razão: a de que ela estava no seu caminho rumo ao *Caderno B*, onde todo dia via a história da música brasileira ser escrita” (Essinger apud Herkenhoff, 2010: 134).

O sentimento geral foi de certo inconformismo em relação ao fim da versão impressa do *JB*. Era como se um pouco do jornalismo também se extinguisse naquele momento. Assim como muitos de seus colegas de profissão, Joaquim Ferreira dos Santos – que foi repórter, subeditor e colunista do “*Caderno B*” em duas etapas (anos 1980 e entre 2000 e 2001) – lamentou a situação em depoimento ao projeto Memória do Jornalismo Brasileiro:

*Morreu uma coisa que era tão importante. Para mim, foi fundamental. As pessoas não se conformavam. Foi um jornal que eu li na época que eu estava me interessando por jornalismo. Recortava matéria, recortava fotos. O *Caderno B* foi marcante para a minha geração, para o aprendizado, para a formação de jornalistas da minha geração. Era um jornal incrível, eu aprendi muito. (Santos, 1985, grifos nossos)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda organização, empresa ou instituição vincula seu passado à imagem que forja de si mesma. Este trabalho de enquadramento conta com a colaboração de atores profissionalizados (historiadores, jornalistas, pesquisadores) e de representantes instituídos por eles ou seus pares, guardiães *oficiais* desta história. Como observa Pollak (1992), a preocupação com a imagem que este grupo organizado passa de si mesmo e da sua memória leva à escolha de testemunhas *confiáveis* aos olhos dos dirigentes, a fim de evitar que mitômanos tomem a palavra. Esta tentativa de controle acaba por produzir certos *guardiões* da memória do grupo, pessoas publicamente reconhecidas como aquelas que podem falar pelo coletivo.

No caso do *JB*, isso é evidente ao observamos as repetições presentes nos discursos memorialísticos, costumeiramente compreendendo determinados momentos-chave do jornalismo brasileiro – são recorrentes as falas sobre a

reforma gráfica e editorial dos anos 1950-70 e a resistência à ditadura militar –, assim como a repetição de certos jornalistas *legitimados* para falar o passado do jornal (Alberto Dines, Marina Colasanti, Carlos Lemos, Ferreira Gullar, Janio de Freitas). Por mais relevante que sejam os relatos e os profissionais em questão, é possível imaginar quantas histórias foram esquecidas e silenciadas nesse contexto, da mesma maneira que é possível pensar em quantos outros profissionais passaram pela redação do jornal e poderiam ser ouvidos, trazendo para o espaço público (e para a memória coletiva) outros olhares, experiências e observações.

O *JB* passou por diferentes fases: começou como um jornal monarquista (1891-1893), tornou-se republicano de oposição (sob a direção de Rui Barbosa, em 1893), assumiu um perfil popular (1894-1918), transformou-se em um boletim de anúncios (1918-1953), modernizou-se e consolidou-se como jornal de referência (1954-2001), viveu uma dura crise até a extinção de sua versão em papel (2001-2010) e retornou a circular em 2018³.

Os jornais, desde a grande reforma do *JB*, organizaram-se materialmente em cadernos que agrupam notícias sobre determinados aspectos da sociedade, como as de política, cidade, economia, cultura. Este esforço de separar e ordenar a realidade em fronteiras estanques atendeu a exigências estéticas e gráficas, mas também a industriais e mercadológicas. Também, internamente, as redações se dividiram em grupos, editorias, times independentes para tratar de determinados assuntos e em permanente disputa por espaço. Como não poderia deixar de ser, tal disputa transborda da produção das páginas para a produção de memórias. E, historicamente, os *grandes temas nacionais* são privilegiados tanto nos periódicos como nos livros, nas pesquisas acadêmicas e nos discursos autorreferentes e memoráveis da empresa e dos próprios jornalistas.

As reformas jornalísticas que ocorreram a partir da década de 1950, elaboradas em defesa de rigores técnicos, acabaram por instituir a mítica da neutralidade e da objetividade na representação dos jornalistas para si mesmos. Eles passaram a compartilhar crenças e valores comuns que, por um lado, delinearam o campo da profissão e, por outro, criaram efeitos colaterais comportamentais que, apesar de todo o debate sobre *pós-verdade*, perduram até hoje.

Ao longo dos anos, os guardiões da memória do *JB* acabaram por construir uma versão estável sobre o passado do jornal. Quase todos se orgulham ao afirmar sua participação consciente no processo de reforma do periódico nos anos 1950-60. Ferreira Gullar conta como defendeu a adoção de fotos na primeira página – “Eu falei a Odylo [Costa Filho]: Vamos mudar o jornal, vamos fazer um jornal novo, nenhum outro jornal faz isso”. E comenta a respeito do “Suplemento Dominical”: “A gente tinha plena consciência do que estava fazendo. Nós estávamos mudando de propósito, não se tinha dúvida.

³ Nelson Tanure sublicenciou a marca por trinta anos para o empresário Omar Peres, e o *JB* voltou às bancas em fevereiro de 2018.

Criar um jornal com aquelas características era deliberado, não era nada por acaso” (Gullar, 2007).

Podemos observar algo semelhante no depoimento de Carlos Lemos: “Havia uma efervescência entre nós, jovens que tínhamos sido convocados para realizar esse trabalho [...]. Havia também grande entusiasmo e a autoafirmação de estar participando do processo de transformar” (Lemos apud Ribeiro, 2007: 159). Pompeu de Souza (apud Ribeiro, 2007: 331) afirmou: “Estávamos imbuídos de um certo espírito de causa: o sentimento de que fazíamos a revolução na imprensa”.

“As histórias pessoais deste país foram, sem dúvida, escritas um pouco nas páginas do *JB*. A gente era feliz... e sabia!”, disse Ziraldo (Pinto, 1990: 10). Esse envolvimento declarado expressa algo que Bourdieu (1996: 139) denominou *illusio*: estar envolvido no jogo (*ludus*, em latim), perceber que o que se passa é importante para os envolvidos. O próprio Bourdieu faz, a propósito, pertinente crítica à confusão entre trajetória e projeto. Para ele é ilusório considerar que um intelectual consagrado, por exemplo, tivesse em mente todos os passos que deu desde que iniciou a carreira, calculada e controladamente. Como se fosse possível ter no passado a certeza de um porvir (Ibid.: 146).

E assim se transfiguram lembranças, impregnadas de subjetividades, de verdades históricas. Não que as memórias e a história construídas sejam falsas, não verdadeiras, mas trata-se de uma narrativa do presente que *interpreta* um passado já inalcançável (Heller, 1993). Nas camadas dessa narrativa se imiscuem novas falas, silenciam-se e esquecem-se outras num processo contínuo – pelo menos enquanto houver sujeitos vivos e dispostos a realimentá-la, sentindo-se responsáveis por ela.

Observamos que, entre os jornalistas que deram testemunhos sobre o *JB*, sentimentos comuns mobilizados pela nostalgia foram os de pertencimento e de orgulho. Nota-se, ainda, um espírito de *bravura*, o qual se mantém, por razões distintas, desde a reforma gráfica e editorial promovida nos anos 1950-60. Ele é atribuído ao pioneirismo, à inovação, à ideia de ruptura em relação ao jornalismo anterior.

O tom nostálgico dessas memórias se intensificou com o passar do tempo, à medida que o jornal foi entrando na grave crise econômica que acabou levando à suspensão de sua versão em papel, em 2010. É essa nostalgia – como movimento de valorização e idealização do passado – que sustenta a áurea mítica e a importância do diário para muitos profissionais que nele trabalharam. Na realidade, nos parece que o que se valoriza no passado é um modo de fazer jornalismo, ancorado numa série de preceitos e valores hoje postos em xeque não apenas pelo ambiente tecnológico e empresarial, mas também pelo novo horizonte político e ideológico, que reconfiguram de maneira drástica o ser jornalista. ■

REFERÊNCIAS

- BEAIL, L.; GOREN, L. J. (Eds.). *Mad men and politics: nostalgia and the remaking of modern America*. New York: Bloomsbury, 2015.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.
- COLASANTI, M. Como quem volta à casa antiga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 3, 1º maio 2005.
- CROSS, G. *Consumed nostalgia: memory in the age of fast capitalism*. New York: Columbia University Press, 2015.
- DAPIEVE, A. Jornalismo cultural. In: CALDAS, Álvaro (Org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. São Paulo: Loyola; Editora PUC-Rio, 2002.
- DAVIS, F. *Yearning for yesterday: a sociology of nostalgia*. New York: Free Press, 1979.
- FREUD, S. Sobre a transitoriedade. In: FREUD, S. *1914-1916*, Rio de Janeiro: Imago. (Coleção Obras Completas, 12). Disponível em: <<https://bit.ly/2D3Iy93>>. Acesso em: 2 jan. 2018.
- GULLAR, F. Entrevista a Bárbara Carvalho, Monique Bittencourt, Roberta Pantoja e Talita Duvanel em jun. 2007. Memória do Jornalismo Brasileiro. Disponível em <<http://bit.ly/2R6lGdj>>. Acesso em: 27 dez. 2016.
- _____. Entrevista a Carla Siqueira e Caio Barretto Briso em 14 jan. 2009. Centro de Cultura e Memória do Jornalismo. Disponível em: <<http://bit.ly/2r14NoL>>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- HELLER, A. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HERKENHOFF, A. *Jornal do Brasil: memórias de um secretário – pautas e fontes*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2010.
- JB 113 anos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 12, 6 abr. 2004.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, J. Documento-monumento. In: LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão; et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. (Coleção Repertórios)
- LEITÃO, M. *Memória Globo*. Jul. 20, 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/2J-M8JlZ>>. Acesso em: Nov. 7, 2018.
- LOPES, F. L. *Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica*. São Paulo: Paulus, 2013.
- MEDEIROS, L. Final do terceiro dia: perguntas e debate. *Jornalismo Cultural em Passo Fundo*, 28 ago. 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2JlXSc0>>. Acesso em: 7 fev. 2016.
- NAMER, G. *Mémoire et société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.

- NATALI, M. P. *A política da nostalgia: um estudo das formas do passado*. São Paulo, Nankin, 2006.
- NIEMEYER, K. *Media and nostalgia: yearning for the past, present and future*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.
- PINTO, Z. A. B. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 1, 1º maio 2005.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: < <http://bit.ly/2R6PAhg>>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- RIBEIRO, A. P. G. *Imprensa e história do Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.
- RIBEIRO, A. P. G. Memória de jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 50. ENCONTRO COMPÓS, 11., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- RIBEIRO, B. *Jornal do Brasil, história e memória: os bastidores das edições mais marcantes de um veículo inesquecível*. Rio de Janeiro: Record: 2015.
- RITO, L. Enfim, um caderno balzaquiano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 8, 15 set. 1990.
- SALLES, C.; et al. Um jornal que nunca mais será escrito. *Tributo ao JB*, 1 dez. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2F3tbQo>>. Acesso em: 27 dez. 2016.
- SANDRA Moreyra. *Memória Globo*. 19 set. 2014. Disponível em: <<https://globo/2queQ5o>>. Acesso em: 6 nov. 2018.
- SANTOS, J. F. 25 anos de B. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 4, 22 set. 1985.
- _____. Entrevista ao Projeto Memória do Jornalismo Brasileiro. Rio de Janeiro, s./d. Disponível em: <<http://bit.ly/2Af7c3p>>. Acesso em: 27 dez. 2016.
- TANURE, N. S. O conceito de um ícone carioca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 5, 1 maio 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2SPHScP>>. Acesso em: 24 jul. 2015.
- TRADIÇÃO de pioneirismo: JB inaugura nas suas páginas impressão offset, fruto de parceria com O Dia, e reencontra sua origem inovadora. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1999.
- VIEIRA, I. M. *O Caderno B do JB como modelo e mito no jornalismo cultural brasileiro*. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Artigo recebido em 2 de janeiro de 2018 e aprovado em 20 de julho de 2018.